

A construção do feminino na literatura de autoria masculina**The construction of the female in the literature of male authorship**

DOI:10.34117/bjdv6n3-498

Recebimento dos originais: 10/02/2020

Aceitação para publicação: 31/03/2020

Ana Kelma Cunha GallasMestre em Antropologia e Arqueologia
Universidade Federal do Piauí.

Docente orientadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do UNIFSA.

Samara Calassa de AlbuquerqueGraduanda no curso de bacharelado em Psicologia
Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA).

Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do UNIFSA.

Gabryelly Stephany da Silva CampeloGraduanda no curso de bacharelado em Psicologia
Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA).

Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do UNIFSA.

Centro Universitário Santo Agostinho
Avenida Valter Alencar, 665, Teresina-PI
E-mail: Kelmagallas@outlook.com**RESUMO**

A literatura é um espaço de afirmação das hierarquias de gênero, determinando pedagogicamente quem é quem na disputa de poderes. Autores homens e brancos predominam não apenas no mercado editorial brasileiro, mas mundialmente, e há séculos. A literatura é um espaço de poder, onde os lugares de fala são monopolizados pelos homens brancos, heterossexuais, urbanos e de classe média (DALCASTAGNÈ, 2012), embora as mulheres sejam a maioria do público leitor no Brasil (PNAD, 2009; IBOPE, 2015). Assim, se a prática do saber sempre será um poder relacional, político, ético e interessado (FOUCAULT, 1999), esta revisão sistemática de literatura tem como objetivo entender a representação da mulher disseminada socialmente por meio da literatura, e, especialmente, investigar essa imagem da mulher construída nas obras literárias feitas por autores homens. Essa investigação se utiliza de artigos, selecionados de periódicos indexados e não indexados em bases de dados nacionais. A literatura brasileira de autoria masculina, assim como outros instrumentos culturais, está aprisionada nos sólidos muros do pensamento universal patriarcal, num território marcado pela exclusão das capacidades da mulher e pela naturalização de estereótipos: mulheres concebidas como: dóceis, sensíveis, delicadas, dona de casa, mãe, os bordados, que abundam as bordas e as notas de rodapé. Daí o descompasso entre o que as mulheres vêm conquistando na sociedade brasileira e a sua representação literária. Numa contramão, as obras de autorias femininas, em menor número, vêm a desenhar um devir político, se desviando dos processos de dessubjetivação típicas da visão de mundo patriarcal.

Palavras-chave: Literatura. Autoria Feminina. Representatividade. Hierarquia de Gênero.

ABSTRACT

Literature is a space for affirming gender hierarchies, pedagogically determining who is who in the power struggle. Male and white authors predominate not only in the Brazilian publishing market, but worldwide, for centuries. Literature is a space of power, where places of speech are monopolized by white, heterosexual, urban and middle-class men (DALCASTAGNÈ, 2012), although women are the majority of the reading public in Brazil (PNAD, 2009; IBOPE, 2015). Thus, if the practice of knowledge will always be a relational, political, ethical and interested power (FOUCAULT, 1999), this systematic literature review aims to understand the representation of women disseminated socially through literature, and, especially, to investigate this image of the woman built in literary works made by male authors. This investigation uses articles, selected from indexed journals and not indexed in national databases. Brazilian male-authored literature, as well as other cultural instruments, is trapped within the solid walls of universal patriarchal thought, in a territory marked by the exclusion of women's capabilities and the naturalization of stereotypes: women conceived as: docile, sensitive, delicate, owner of home, mother, embroideries, which abound the borders and footnotes. Hence the mismatch between what women have been achieving in Brazilian society and their literary representation. In a contrary direction, the works of female authorship, in smaller numbers, come to draw a political becoming, deviating from the desubjectivation processes typical of the patriarchal worldview.

Keywords: Literature. Female authorship. Representativeness. Gender hierarchy.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é um instrumento de poder, de definição de conceitos e de repertórios, amalgamada a inúmeros elementos ideológicos e visões de mundo que orientam a forma como a realidade, em todo o seu conjunto simbólico, deve ser interpretada (CHARTIER, 1990; DALCASTAGNÈ, 2012; FARIAS; RUBIO, 2012). A Literatura é, ainda, um espaço de disputa, em que os lugares de fala são monopolizados pelos homens, como é mostrado em um levantamento inédito feito por Dalcastagnè (2012) na Universidade de Brasília. Nesta pesquisa, dos romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), de 165 autores, 120 eram homens, constituindo 72,7% da amostra. Os autores homens são, também, os ganhadores dos principais prêmios literários brasileiros (Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon). Entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura).

Além disso, há uma diferença significativa entre a produção das escritoras e dos escritores. Por exemplo, em obras escritas por mulheres, 52% das personagens são do sexo feminino, bem como 64,1% dos protagonistas e 76,6% dos narradores. Nas obras de autoria masculina, a presença de mulheres não passa de 32,1%, sendo 13,8% dos personagens e 16% dos narradores (DALCASTAGNÈ, 2012). Esses números refletem uma menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas no conjunto da Literatura Brasileira, assim como uma redução da representatividade e voz das mulheres na própria construção da cultura.

O estudo de Dalcastagnè (2012) revela que os autores homens representam as mulheres de forma estereotipada: elas são donas de casa (25,1%), artistas (10,2%) ou não têm ocupação formal (9,6%). Essa visão das mulheres evoca a discussão sobre a construção das representações sociais, que se desenvolvem através de um conjunto de ideias que estão presentes nas interações entre os sujeitos, decorrendo daí, determinadas concepções e categorizações que circulam e se cristalizam nos objetos que produzimos ou consumimos (MOSCOVICI, 2010). Infere-se, assim, que a partir da produção literária, e de uma série de dispositivos (inferioridade jurídica; inculcação social sobre os papéis sexuais e a divisão de tarefas por sexo, assim como a exclusão das mulheres de certas esferas públicas, entre outros), materializa-se a dominação masculina sobre a mulher (CHARTIER, 2002).

Foucault (1970) discutia em sua obra “A ordem do discurso”, que em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por objetivo conjurar seus poderes. Logo é importante problematizar essa monopolização dos espaços de fala, uma vez que esses espaços abarcam percepções do mundo apenas daqueles que possuem o acesso a “voz”, acabando por falar em nome do outro. Falar por alguém é sempre um ato político, frequentemente autoritário, em que ao outro, nesse caso, resta calar-se. Presume-se, por conseguinte, que se a fala das mulheres não possui ressonância, sua experiência tampouco tem algum valor.

Historicamente, não existiu um lugar para as mulheres autoras na literatura; este lugar foi silenciado, conforme demonstra Stefan Bollmann, na obra “Mulheres que leem são perigosas” (2007). Nessa obra, em que se apresenta uma vasta seleção de imagens (gravuras e pinturas) de mulheres lendo, mas não, escrevendo, isto fica evidente. Outrossim, o fato de as mulheres lerem se constituiu numa quebra de paradigmas revolucionário:

É que a mulher que lê adquire um espaço a que só ela tem acesso e, a par disto, desenvolve um estado independente de autoestima; além disso, ela cria a sua própria visão do mundo que não corresponde necessariamente à que é transmitida pela tradição, nem à dos homens. Tudo isto não significa ainda a libertação das mulheres da tutela patriarcal, mas abre a porta que conduz à liberdade” (BOLLMANN, 2007, p.28).

Para este autor, o que as mulheres tinham permissão para ler era objeto de muita discussão social. A leitura não era vista apenas como uma possibilidade de enriquecimento cultural e de aprendizado, mas de acessar um ilimitado universo das ideias, de fantasia, para além do estreito mundo doméstico, longe da vida pública, a que estavam presas. Porém, o fato de as mulheres terem lido, durante muitos séculos, obras escritas por homens e não por outras mulheres, provocou a crítica severa de Beauvoir ([1949], 1980), para quem as mulheres explorariam o mundo somente através dos olhos masculinos, decifrando nele, o seu destino:

A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado das dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino (BEAUVOIR, 1980, p.30)

Conforme Beauvoir, enquanto homens são apresentados de forma grandiosa, como heróis e conquistadores, as mulheres são invisibilizadas ou apresentadas como insignificantes ou frívolas, sendo negado a elas, a autonomia e a subjetividade necessárias a uma melhor representação no campo literário.

2 METODOLOGIA

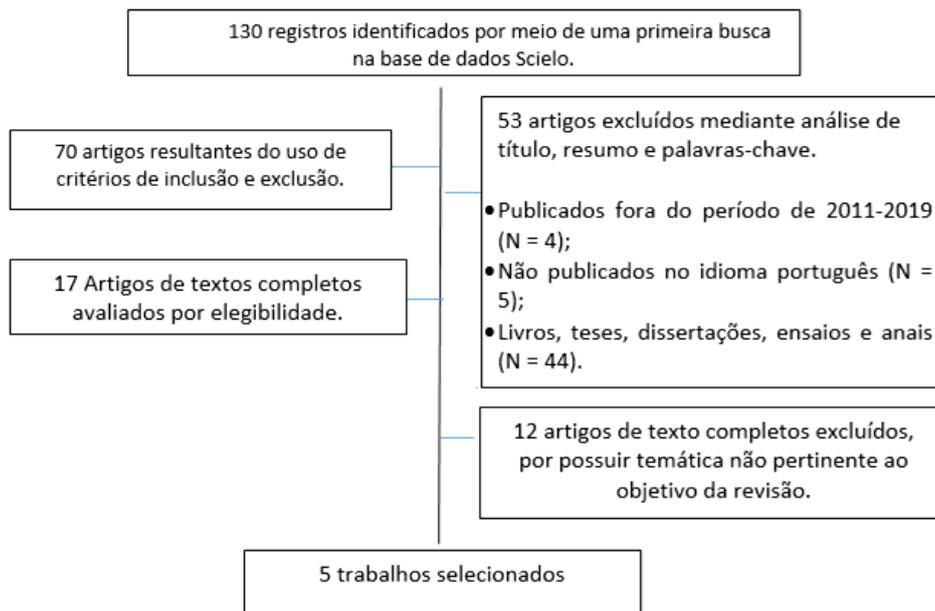
Esta pesquisa é uma pesquisa quanti-qualitativa, produzida a partir de uma revisão sistemática da literatura (FLICK, 2009; SAMPAIO; MANCINI, 2007), entendida como “um recurso importante da prática baseada em evidências, que consiste em uma forma de síntese dos resultados de pesquisas relacionados com um problema específico” (GALVÃO; SAWADA, 2004, p.550) ou, ainda, como “um tipo de investigação científica que tem por objetivo reunir, avaliar criticamente e conduzir uma síntese dos resultados de múltiplos estudos primários” (COOK et al., 1997 apud GALVÃO; SAWADA, 2004). Essa abordagem possibilita o encontro de um maior quantitativo de publicações que possam ser incluídas no estudo de revisão para uma análise crítica e reflexiva do material selecionado (KOLLER et al., 2014).

Cada estudo foi selecionado a partir dos critérios de inclusão e exclusão, sendo incluídos aqueles que preenchiam os seguintes critérios: a) temática pertinente ao objetivo da revisão; b) artigos publicados no período de 2011-2019, dando-se preferência aos estudos publicados mais recentemente; c) artigos publicados no idioma Português, selecionados no SciELO – Scientific Electronic Library online (<http://www.scielo.br>), em revistas científicas brasileiras em formato eletrônico, pertencentes a áreas de ciências sociais e ciências humanas. Foram excluídos trabalhos que não preenchiam estes critérios, como: a) artigos duplicados; b) artigos que não abordassem a temática da pesquisa; c) não estivessem disponíveis no meio digital e d) que fossem teses, dissertações, revisões, intervenções e materiais educativos.

A análise dos dados dos documentos indicados foi realizada através de uma ficha de leitura, que buscou identificar quais os objetivos de cada trabalho selecionado, participantes da pesquisa, desenhos metodológicos e conclusões das pesquisas encontradas.

Em uma primeira busca de artigos, utilizou-se os seguintes descritores: Literatura. Autoria Feminina. Representatividade, obtendo-se 130 artigos. Em uma segunda busca, para uma delimitação maior dos artigos, acrescentou-se mais um descritor (Hierarquia de Gênero), sendo os descritores finais: Literatura, Autoria Feminina, Representatividade, Hierarquia de Gênero, obtendo-se um total de 70 artigos. Destes 70 artigos, foram analisados título, resumo e palavras-chave dos artigos, sendo 44 artigos excluídos por serem livros, teses, dissertações, ensaios e anais, cujo formato não se adequavam às propostas deste estudo, e 4 estudos, por estarem fora da delimitação temporal, de 2011 a 2019. Outros 5 artigos foram excluídos por não estarem no idioma português, e 12 artigos, por não se referirem diretamente à temática escolhida para este estudo. Restaram, assim, 5 artigos que compuseram o corpus de análise da presente pesquisa. O procedimento de busca de artigos adotado nesta revisão pode ser identificado no Fluxograma (Figura 1), trazendo a síntese da forma como se deu a coleta e a seleção dos dados.

Figura 1 – Fluxograma com resultados das buscas nas bases de dados



Fonte: (GALLAS; CALASSA; CAMPELO, 2020)

Para análises dos dados coletados, foram utilizadas as reflexões de Dalcastagnè (2012), sobre essa autoria masculina que circunda a imagem representada das mulheres na literatura, e Foucault (1970), na obra “A Ordem do Discurso”, para discutir a literatura como instrumento ideológico sobre as hierarquias de gênero. Correlacionando-os as discussões teóricas desses autores, foram estruturados eixos de discussões possíveis para os achados, com relação ao objetivo proposto para esta revisão sistemática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O feminino é uma convenção inscrita em diferentes discursos que o caracterizam e normatizam por meio de padrões culturais e sociais historicamente determinados. Assim, estes discursos, em grande parte produzido por homens sobre as mulheres, são legitimados, também, no campo político, estabelecendo os limites de atuação de cada sexo e gênero. Foucault (2012) observava a centralidade do domínio do discurso nas lutas políticas travadas dentro da sociedade. Segundo ele, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo para que, por que se luta”. Assim, por mais que um homem seja solidário às mulheres, este não vai vivenciar o temor permanente da agressão sexual, assim como um branco não tem acesso à experiência da discriminação racial ou apenas um cadeirante sente cotidianamente as barreiras físicas que dificultam ou impedem seu trânsito pelas cidades (DALCASTAGNÈ, 2005).

Este estudo, cujo objetivo é investigar a representação da mulher disseminada socialmente por meio da literatura produzida por homens, apresentam-se dois quadros analíticos. O primeiro (Quadro 1), reúne artigos sobre o tema, explorando aspectos como: os objetivos dos autores com seus respectivos estudos, suas conclusões, e até mesmo, o desenho metodológico de cada estudo. O segundo (Quadro 2), detalha a forma como as mulheres são representadas nos artigos que enfocam obras literárias escritas por homens.

QUADRO 1. ESTRUTURA DESCRITIVA DOS ESTUDOS SELECIONADOS

AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	TIPO DE ESTUDO	O QUE É A PESQUISA	CONCLUSÕES DA PESQUISA
SEGATTO; LEONEL, 2012	Refiguração do tempo histórico pela ficção.	Revisão Bibliográfica	Compreender como a linguagem e a arte contemporânea comprovam uma ampliação notável da importância concedida ao espaço e tempo contextual nas histórias, através da análise de obras como “Leite Derramado” (2009), de Chico Buarque.	* Os acontecimentos representados nos romances abrangem, de certo modo, toda a vida de uma época, onde há uma peculiar concatenação, literariamente expressa, das relações temporais e espaciais. * Em diversos trechos da obra, é exposta a conduta típica de setores decadentes de grupos de <i>status</i> , que procuram manter privilégios e prestígios sociais, com a função precípua de distinguir camadas e classes sociais, castas e estamentos, alicerçando-

				se no poder econômico e político.
AZEREDO, 2013	"Realismo" e subalternidade na narrativa brasileira contemporânea: o caso de Tropa de Elite.	Análise Documental	Discutir o viés mediador e generalizador dos detentores do poder sob a esteira da teoria pós-colonial, através da análise do filme Tropa de Elite (2007), de José Padilha, e da observação de algumas estratégias de ocultação de vozes e valores que se localizam fora do cinturão discursivo dominante (masculino).	* O real que a narrativa fílmica aborda está próximo de produções culturais que, ao tematizarem assuntos em voga no seu tempo, discutem a sociedade na qual foram produzidas, como bem fizeram Flaubert e Machado de Assis, no final do século XIX. * Em uma sociedade hierarquizada e hierarquizante, a "autoridade" é representada apenas pelo masculino.
PEREIRA, 2016	"O que quer uma mulher": figuras femininas em " <i>Eles eram muitos cavalos</i> "	Análise Documental	Refletir sobre as figuras femininas que fazem parte do grande mosaico da capital paulistana, elaborado por Ruffato.	* "Eles eram muitos cavalos" revela o pessimismo e o niilismo que impregnam as obras de Ruffato. Para o autor se o recorte feito em sua análise, no lugar de selecionar apenas figuras femininas, fosse acrescentado um recorte com figuras masculinas, pouca diferença haveria no que se refere à visão de mundo pessimista e sombrio das personagens.

SALVAIA, 2016	Nas fronteiras entre o público e o privado: algumas notas sobre a representação (e subversão) dos papéis de gêneros no folhetim <i>Helena</i> (1876), de Machado de Assis.	Análise Documental do <i>Folhetim Helena</i> , de Machado de Assis, publicados no jornal “ <i>O Globo</i> ”.	Revelar as possibilidades de discussão sobre as questões de gênero, compreendidas à roda de seu tempo. Assim como conferir novas nuances às possibilidades de ação criadas pelas mulheres no século XIX.	* Com a sociedade patriarcal, as mulheres tinham que calcular todas as suas atitudes, para desencorajar a leviandade alheia, e assim permanecerem nos preceitos morais da experiência feminina. * A política era exercida a partir de um lugar social onde classe e gênero se tornava indissociável.
SOUZA; CAPRARO; JENSEN; 2017	“Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo”: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira.	Análise Documental	Analisar como a mulher atleta foi retratada por renomados literatos brasileiros (homens) e como o esporte feminino, com destaque para o futebol, é manifesto em algumas crônicas esportivo-literárias brasileiras.	* No que se refere ao conteúdo das crônicas esportivas, a maioria pauta suas reflexões na prática masculina. Quando estas são centradas nas mulheres é perceptível a supervalorização da estética de seus corpos, tendo em vista um público leitor masculino. * Há um grande contraste quanto ao número de cronistas, especializados em esporte, homens em relação as mulheres; além disso as atletas ainda não conquistaram uma igualdade de interesse, tanto no que diz respeito ao público quanto a cobertura jornalística.

Fonte: (GALLAS; CALASSA; CAMPELO, 2020)

Com um total de 5 artigos eleitos, estes estão datados entre os anos de 2012 – 2017, tendo em sua maioria o tipo de estudo predominante a Análise Documental, e apenas um apresenta como método a Revisão Bibliográfica.

Nos achados dos objetivos verificou-se a possibilidade de estabelecer dois eixos: o primeiro apresentando quatro artigos mais específicos que buscam compreender a representação da mulher

sobre o olhar masculino em diferentes tipos de documentos (revistas, crônicas, livros, jornal), e o segundo eixo com um artigo que aborda mais amplamente discussões sobre a representação de uma camada social invisibilizada, assim inserindo, só que menos especificamente, questões sobre a representação da mulher por autorias masculinas.

Segatto e Leonel (2012) observaram a imagem da mulher configurada dentro de obras de arte contemporânea elaboradas por homens (Chico Buarque, Gregório de Matos, Manuel Antônio de Almeida, Aluísio Azevedo, Jorge Amado), enquanto Pereira (2016) teve o intuito de refletir sobre as figuras femininas em um mosaico da capital paulistana, elaborado também por um homem (Ruffato). Já Salvaia (2016) tentou compreender as novas nuances de possibilidades e ações criadas por mulheres no século XIX, através da análise do folhetim Helena, escrito por Machado de Assis. Souza et al (2017) analisa a mulher atleta retratada por renomados literatos brasileiros (Motta e Nogueira) e no esporte feminino manifesto em algumas crônicas dos mesmos autores.

Nesta etapa do estudo, o segundo eixo da discussão aborda uma discussão mais geral a respeito da invisibilidade feminina. Como se pode observar em Azeredo (2013), ao discutir, por meio da análise do filme Tropa de Elite, a detenção do poder por alguns grupos sociais se dá através da ocultação de vozes, no caso, o das camadas pobres da sociedade, que se localizam fora do discurso dominante. Esse mesmo olhar acaba por apresentar um tipo de mulher, pobre, favelada e negra, também invisibilizada, nesse contexto e dentro dos demais acervos culturais (literatura).

No Quadro 2, desenrola-se uma análise que aprofunda a percepção de cada autor dos estudos selecionados sobre a representação da mulher nos instrumentos culturais (livros, revistas, folhetim, filme) eleitos por estes. Neste segundo quadro, revela-se estas percepções sobre a imagem da mulher e do homem, como, também, as possíveis inferências críticas com relação as representações de gênero.

QUADRO 2. RELAÇÕES DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO NA LITERATURA

AUTORES	PERCEPÇÃO DO ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA	INFERÊNCIAS CRÍTICAS DO ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO
SEGATTO; LEONEL, 2012	A mulher designada como “mulata” é descrita por diversos autores clássicos: possui habilidades culinárias, resistência física ao trabalho, saúde, solidariedade, beleza perturbadora, sensualidade irresistível, artifícios de sedução aos quais sabe recorrer (quando canta, dança e se enfeita), enquanto seus defeitos são ressaltados (até nos subtextos): a falta de	A imagem da mulher negra é hipersexualizada nas histórias, sendo quase sempre apresentada com traços que conduzem a sua interpretação como “objeto de desejo” masculino, ou como alguém que possui apenas habilidades braçais, domésticas, servis.

	<p>moralidade, de responsabilidade, a futilidade.</p>	
<p>AZEREDO, 2013</p>	<p>* A mulher, devido à hegemonia de sociedades sexistas, seria duplamente subalterna, já que duas vezes mediada (pelas classes abastadas e pelo homem).</p> <p>* Mulheres pobres são na sua maioria donas de casa, prostitutas ou empregadas domésticas.</p>	<p>Há diversas discussões sobre as relações de poder, especialmente, em quem manda e quem obedece. No filme Tropa de elite, o poder aparece centrado no Capitão Nascimento, um homem adulto, “macho”, branco, que possui uma patente militar. É ele que manda, impõe-se sobre diferentes subalternidades: do subordinado, do jovem, da mulher, do pobre, do afrodescendente, do favelado e do bandido. Sendo este personagem representante de uma determinada ordem social, infere-se que é uma representação de uma determinada lógica recorrente no romance contemporâneo brasileiro, e que revela a ausência de direitos à palavra aos diferentes, desclassificados por esta lógica.</p>
<p>PEREIRA, 2016</p>	<p>O autor Rufatto traz, em suas obras, mulheres marcadas por tristeza, amargura, desesperança, retratadas em dois tipos básicos nas diferentes histórias:</p> <p>* As mulheres que buscam anonimamente o prazer imediato e descartável, sendo apresentadas como fúteis: querem riqueza, belas roupas, status, usam o corpo para alcançar seus objetivos de sobrevivência e autonomia. Ambicionam dominar o amante, colocando-o sob sua sujeição</p> <p>* As mulheres de família, que são mãe, avó, religiosa, dona de casa, sobrecarregada com o trabalho doméstico, e cuja perspectiva de futuro está voltada apenas para a ideia de um relacionamento estável, um lar feliz, os filhos.</p>	<p>Infere sobre uma polaridade na personalidade feminina, com uma representação da imagem da mulher dúbia: ou sendo dócil, mãe, esposa e dona de casa ou sendo fútil, volúvel, sexualizada, dominadora.</p>
<p>SALVAIA, 2016</p>	<p>Na obra de Machado de Assis (Século XIX), que reflete um tempo historicamente demarcado, qualquer comportamento dissonante, a mulher é vista como uma figura ameaçadora e usurpadora, capaz de desestabilizar o alicerce da pirâmide patriarcal.</p> <p>* A mulher ideal para casar deve mostrar interesse com a dimensão doméstica, por meio de virtudes tidas como femininas: ler livros, costurar, cuidar bem da casa, ter sensibilidade, delicadeza, docilidade, e submissão ao marido. Deve, assim, se afastar de tudo que poderia ser nocivo à “honra feminina” (luxo, coquetismo, primos).</p>	<p>* As mulheres participam da construção de costumes, mas não interferem na elaboração das leis sociais que regulamentam estes costumes.</p> <p>* A obra apresenta a personalidade feminina marcada pela dicotomia: de um lado, a virtuosa; e de outro, a libidinosa (“perdida”).</p> <p>* Discute-se os estereótipos da mulher ideal para casar-se.</p> <p>* Crítica à estrutura patriarcal e ao casamento como um arranjo social, por acordos econômicos.</p>

<p>SOUZA; CAPRARO; JENSE N, 2017</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Armando Nogueira e Nelson Motta reafirmam a capacidade de as mulheres competirem em esportes, mas suas crônicas falavam majoritariamente do corpo, da beleza, delicadeza, graciosidade das atletas e de serem responsáveis por fantasias e fetiches masculinos - O sucesso das mulheres no esporte depende de uma aproximação bem-sucedida com a prática masculina. 	<ul style="list-style-type: none"> -O cronista Nogueira havia em seus textos debates em defesa da participação feminina no esporte. Mas ajustado ao seu contexto histórico e a representação presente na literatura (1980 e 1990), evidencia a valorização da estética feminina, com estereotipo de mulher dócil e responsável por fantasias e fetiches masculinos, na qual tentativas de fuga desse padrão são algumas vezes tratadas com grande criticidade. -Motta elogia o futebol feminino, tentava demonstrar ser um indivíduo teoricamente liberal, ao fazer comparação ao futebol masculino, reproduz discurso de inferioridade da mulher e melhora ao se parecer com homem. - Em ambos, há assim em suas palavras sinais de generificação que atuava e ainda atua, pautando as relações sociais.
--	--	--

Fonte: (GALLAS; CALASSA; CAMPELO, 2020)

Na maioria dos artigos selecionados para esta pesquisa, estão presentes críticas aos principais estereótipos de feminilidade presentes na literatura. Ao adentrar na construção do feminino pelo discurso masculino na literatura, percebe-se uma crítica significativa à imagem da mulher: desde a mulher negra, à pobre, aquela ideal para casar, e, até dentro de uma personalidade polarizada (de dócil à vulgar; de escritora à silenciada). Ou seja, é legítimo entender que as mulheres formam um grupo social específico, na medida em que a diferença de gênero estrutura não apenas as experiências e trajetórias sociais, mas, também, a sua percepção. Assim, a vivência feminina não é apenas uma, sofrendo o impacto de categorias e variáveis como: raça, classe ou orientação sexual, entre outras, que contribuem para gerar diferenciações importantes nas posições sociais das próprias mulheres (DALCASTAGNÈ, 2007).

No estudo de obras masculinas analisadas por Segatto e Leonel (2012) evidencia-se uma discussão sobre a imagem da mulher negra, que se dissemina em diversas obras, com possuidora de uma sensualidade irresistível, que se utiliza de artifícios de sedução e se configura como objeto do desejo masculino. Essas representações estão presentes em parte da iconografia brasileira, e que serve como base para a figura feminina negra como objeto sexual, que é o famigerado dentro de uma concepção de nação brasileira miscigenada (CANDIDO; JÚNIOR, 2019).

Um exemplo desses preconceitos, cujo lastro causou grandes sofrimentos, a de que o negro possui uma maior “resistência física ao trabalho”, cuja crença sustentava a ideia do trabalho escravo, está presente na pesquisa de Segatto e Leonel (2012). Não há dúvidas de que os preconceitos raciais

são abjetos e seculares, resultado de conceitos largamente disseminados e utilizados pela elite dominante como uma das formas de diferenciação e de discriminação para reproduzir privilégios e desigualdades (SEGATTO; LEONEL, 2012).

Dentre todos os estudos exposto no quadro 2, apenas um autor retrata a mulher negra, sendo a maioria das personagens retratadas pelos estudos, de pessoas brancas. Esse dado corrobora a pesquisa de Dalcastagnè (2005) sobre a cor das personagens dos romances brasileiros contemporâneos. Nesta pesquisa, os negros são 7,9% das personagens, 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores, enquanto que personagens brancos são 79,8% das personagens, sendo 84,5% protagonistas e 86,9% narradores (DALCASTAGNÈ, 2005). A pequena presença de negros e negras entre as personagens nas narrativas brasileiras contemporâneas revela o amplo sistema social vigente no Brasil, que se reflete no interior das obras, dentro e fora do *corpus dos* contos e romances, e que confirma a existência do racismo internalizado e estrutural.

Como proposto por Segatto e Leonel (2012) ao discutir a mulher negra, o autor Azeredo (2013) traz a descrição da mulher “favelada” que carrega as características de serem pobres, donas de casa, prostitutas ou empregadas domésticas, imagens de mulheres duplamente subalternizadas, tanto pela sociedade como pelos homens. Esse lugar designado às mulheres (subalternidade), sem direito a uma existência mais rica, dotada de autonomia e liberdade, destituem da mulher a capacidade de ser reconhecida em sua singularidade (BEAUVOIR, 1980), ficando esta restrita às funções socialmente determinadas, como: mãe, esposa, dona de casa. Logo, se entende que o “ser feminino”, conforme essas visões (representações) mostram a mulher como impotente, fútil, passiva e dócil (BEAUVOIR, 1980), presas às funções sociais como mães (38,5%), donas-de-casa, domésticas, professoras, prostitutas, artistas (atrizes), estudantes. (DALCASTAGNÈ, 2005). Tais atribuições e características evocam a ideia de passividade e de submissão que, por consequência, acaba por constituir uma identidade feminina fundada em essa visão masculinista de uma mulher dependente, frágil e desamparada.

Em Pereira (2016), autor da obra “O que quer uma mulher”: figuras femininas em *Eles eram muitos cavalos*, a apresentação de personagens mulheres que polarizam entre a decência e a futilidade vulgar, mulheres que ocupam o papel de mães e outras, que buscam o prazer imediato e descartável. Essa polaridade ainda resiste socialmente, embora os papéis das mulheres tenham sofrido mudanças, e, com isso, também, a sua representação no âmbito intrapessoal e interpessoal (GUSMÃO, 2014). Ao falar sobre a representação dos papéis de gêneros no folhetim *Helena* (1876), de Machado de Assis, Salvaia (2016) faz uma análise das especificidades de uma política exercida sobre as mulheres no contexto do século XIX, tendo como paradigma a ocupação do espaço privado, em oposição ao espaço público, dominado pelos homens. Assim, na literatura, evidencia-se a ausência feminina na

representação do espaço público urbano, especialmente na narrativa literária recente, pois o personagem que caminha pela cidade é, via de regra, o homem (DALCASTAGNÈ, 2005).

As principais críticas de Salvaia (2016) se voltam aos ditames da época, que aprisionavam às mulheres a determinadas praxes consideradas indispensáveis à vida em sociedade, como, por exemplo, a obrigação de as mulheres se vestirem de forma luxuosa a fim de adentrarem nos mais seletos círculos sociais. Ademais, "as mulheres faziam os costumes, mas não as leis", ou, como dizia Machado de Assis, as mulheres estavam destinadas a "prática de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa", reafirmando o aprisionamento das mulheres à esfera doméstica.

Salvaia observa que no folhetim de Machado de Assis, destaca-se a construção da idealizada da mulher - como aquela que verte muitas lágrimas, que tem certa sensibilidade romântica, além de um pouco de resignação (SALVAIA, 2016). Estas evidências conseguem confirmar pesquisas de análise de protagonistas brancas – nos últimos 15 anos –, em que é possível dizer que, quando escritas por homens, as mulheres têm, em sua grande maioria, como a sua principal qualidade, a beleza (42,3%) ou atributos como atraentes (50%) ou pela inteligência (34%). Em geral, as mulheres são menos escolarizadas, dominam menos a norma culta, ocupam menos a posição de intelectuais e dependem mais dos homens financeiramente (42,3% delas); são quase sempre donas-de-casa (DALCASTAGNÈ, 2005).

As concepções de “uma mulher ideal para casar” remetem, ainda, a diversas dimensões do universo doméstico (o amor à agulha, a simplicidade no modo de vestir-se, o interesse pela cozinha etc.), afastando-se a mulher de tudo o que era considerado nocivo à honra feminina, como: a lascívia, o luxo, o coquetismo, os “primos”. Nesse paradigma é reiterada a concepção de um matrimônio que só é possível com a completa submissão da esposa à autoridade do marido, além da ideia de matrimônio enquanto arranjo social e ponto de partida para ascensão da mulher. Essa associação dos atributos femininos à submissão, encorajava “as mulheres a tolerarem o abuso familiar, a esperarem pacientemente ser salvas por um homem, e a perceberem o casamento como a única recompensa desejável para aquela que age corretamente” (TYSON, 2014, p.88).

Salvaia discute a mulher representada na literatura de Machado de Assis, em sua “máscara feminina” de sensibilidade, domesticidade e submissão. Machado de Assis concebe uma Helena ambivalente, que tenta se encaixar nos paradigmas da época, de uma mulher submissa e lânguida. Porém, na história exhibe um comportamento dissonante, capazes de desestabilizar os alicerces da pirâmide patriarcal.

Já no artigo “Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo”(SOUZA; CAPRARO; JESEN, 2017), a análise recai sobre a relação entre esporte e feminilidade, sendo a mulher representada na crônica esportiva brasileira, escrita por renomados literatos brasileiros. Ao analisar

as crônicas, cujo assunto era a presença feminina no esporte, os autores (homens) destacam e supervalorizam a estética corporal das atletas. Armando Nogueira, um dos mais afamados cronistas brasileiros e declarado incentivador do esporte feminino, em suas crônicas fala majoritariamente de corpo, de beleza ou da graciosidade das atletas, em falas como: "as quatro moças, bronzeadas, esculturais, eram o símbolo perfeito e acabado da jovem mulher brasileira" (NOGUEIRA, 1998) ou, ainda, quando se refere aos curtíssimos shorts usados por atletas do voleibol como "docemente sensuais" e "atizadores das fantasias do homem", refletindo que a adoção de tais peças foi uma grande jogada de *marketing*: "os calções do basquete feminino me lembram, na feiura, a velha cueca chamada samba-canção. [...] Paula não merece uma roupa tão bizarra. Nem ela, nem os olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo" (NOGUEIRA, 2000, p. 150). O cronista atua como um sujeito ajustado ao seu contexto histórico, entre as décadas de 1980 e 1990, nas quais era notória a valorização da estética feminina, ainda não cercada por debates críticos.

Fica evidenciada nas crônicas esportivas que os autores como Nogueira (2000) consideram a estética um dos fatores importantes para atração do interesse masculino em relação ao esporte feminino, enfatizando ainda mais o estereótipo da mulher dócil e responsável pelas fantasias e fetiches masculinos. Qualquer fuga desse padrão é tratada com grande criticidade, o que corrobora com a ideia de que nessas produções, a mulher é comumente apresentada a partir de um modelo (bela e disponível). Encena-se, assim, um componente erótico que é frequentemente associado aos atributos que essa mulher carrega, como: cabelos, corpo, pose, vestuário, toque, movimento corporal e modo de falar, reforçando o seu caráter como objeto do desejo sexual (MOTA-RIBEIRO, 2005).

Outro autor analisado é Nelson Motta, que na crônica "*Collant e liga*" sobre as Olimpíadas de Atlanta, dedica algumas palavras ao corpo da mulher. Segundo ele, o corpo é instrumento para atrair o interesse do público, alcançar credibilidade. Outras críticas foram referentes às ideias de Motta que parecia acreditar que o sucesso das mulheres no esporte dependia de uma aproximação bem-sucedida com a prática masculina, tirando a possibilidade de o futebol feminino ser atrativo fundado apenas em sua própria natureza. Assim, construídas por um social que a objetifica, a mulher torna-se tão somente um corpo a serviço de um masculino, sendo descredibilizada em uma série de outras habilidades, principalmente as intelectuais.

Cabe, nesse sentido, uma reflexão sobre o papel que a própria mulher desempenha na construção do imaginário masculino e na ideia de que nunca essas relações de gênero podem ser entendidas como algo simples, mas sim como ambientes constantemente permeados por tensões (SCOTT, 1986). Por fim, observa-se que os atletas ainda não conquistaram uma igualdade de interesse, tanto no que diz respeito ao público quanto à cobertura jornalística. A crônica, nesse sentido, torna-se apenas um reflexo da sociedade, entendendo que, "qualquer obra literária é

evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico –, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada" (CHALHOUB; PEREIRA, 1998). Ou seja, essas crônicas estão carregadas de representações, que revelam grandes estereótipos e características naturalizadas acerca do feminino. No plano geral, são as concepções de uma sociedade machista, pautada pelo patriarcado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Mediante esta revisão, observa-se que a literatura brasileira de autoria masculina, assim como outros instrumentos culturais, ainda carrega muitos estereótipos sobre a mulher, embora, as mulheres venham conquistando na sociedade brasileira e a sua representação literária. A riqueza desta condição feminina plural, com variáveis como: raça, classe, posições sociais ou orientação sexual, entre outras, contribuem para gerar diferenciações importantes nas posições sociais das próprias mulheres.

A questão que se coloca aqui diz respeito a quanto desta riqueza está presente na narrativa brasileira contemporânea, como também, de que forma esse feminino está sendo representado dentro de um olhar masculino. É, pois, de suma importância essa reflexão para retirar a mulher do aprisionamento nos sólidos muros do pensamento universal masculino, num território marcado pela exclusão das capacidades do humano e repleto de estereótipos. São quase sempre os mesmos espaços destinados às mulheres: a cozinha, o quarto, os cantos, as cartas, os bordados, as frestas, as notas de rodapé, dóceis, sensíveis, delicadas, dona de casa, mãe. E, por conseguinte, é necessário entender que uma história fora da história tem relação direta com a perda da memória, das mulheres, e com a sua ausência no cenário humano. É necessário, ainda, preocupar-se com o fato de as mulheres não conseguirem sequer serem construtoras de sua própria memória, fato que é reflexo direto das relações patriarcais de poder, pela desmemorização e descorporalização das mulheres.

É nessa impossibilidade de narrar, de não se deter o poder da narrativa, que reside a primeira característica essencial das línguas: há a impossibilidade de se falar na língua daquele que oprime, ou de se justificar uma narrativa histórica das relações entre os sexos a partir do olhar opressor; mas também há a impossibilidade de não se falar nesta narrativa, pelo próprio risco da censura, do não poder contar. Para isso são necessárias mais autorias femininas que ao escreverem sua história, sendo ousadas e recatadas, desbocadas e pudicas, sexuais e etéreas, passam a desenhar um devir político como potência, se desviando dos processos de subjetivação manipulantes e ditantes de regras e condutas do patriarcado.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, Mônica Horta. Vidas desperdiçadas?: uma análise de Estamira, de Marcos Prado, e No quarto de Vanda, de Pedro Costa. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 41, p. 149-165, June 2013.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BOLLMANN, Stefan. *Mulheres que lêem são perigosas*. Lisboa: Quetzal Editores, 2007.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (orgs). *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002
- CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JUNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54549, 2019. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000200207&lng=en&nrm=iso. access on 29 Jan. 2020. Epub July 04, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254549>.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. 2005. _____ . *Imagens da mulher na narrativa brasileira. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, p. 127-135, 2007.
- _____. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. In Besse, Maria Graciete; Tonus, José Leonardo; Dalcastagnè, Regina (Coords.) *La littérature brésilienne contemporaine Iberic@l. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, 2012 no. 2 p. 13-18.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GUSMÃO, Lilian Vanessa Nicácio. As polaridades do feminino na contemporaneidade e a depressão pós-parto: uma visão gestáltica *The polarities of the feminine in contemporary and postpartum depression: a gestalt view. IGT rede*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 308-321, 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000200006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 14 fev. 2020.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. "O que quer uma mulher": figuras femininas em Eles eram muitos cavalos. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília , n. 48, p. 191-208, Aug. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182016000200191&lng=en&nrm=iso>. access

on 27 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184810>.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. Retratos de mulher: um estudo das imagens visuais e sociais do feminino. **Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico**, v. 3, p. 657-666, 2005

SALVAIA, Priscila. Nas fronteiras entre o público e o privado: algumas notas sobre a representação (e subversão) dos papéis de gêneros no folhetim Helena (1876), de Machado de Assis. **Machado Assis Linha**, São Paulo , v. 9, n. 17, p. 51-66, Apr. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198368212016000100051&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-682120169175>.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. SOS Corpo, Recife, 1995.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; JENSEN, Larissa. "Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo": a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre , v. 39, n. 4, p. 355-361, Dec. 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892017000400355&lng=en&nrm=iso>. access

on 19 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2017.09.001>.

SEGATTO, José Antonio; LEONEL, Maria Célia. Refiguração do tempo histórico pela ficção. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília , n. 39, p. 77-94, June 2012 .